

ANÁLISE PROSÓDICA DE PROCESSOS CONSTITUTIVOS DO TEXTO
RELACIONADOS AO ITEM *ASSIM*

LÚCIA REGIANE LOPES-DAMÁSIO*

RESUMO

Este trabalho analisa os aspectos prosódicos de estratégias textual-interativas voltadas à reformulação, à organização e à construção do texto falado, em relação ao item *assim*, e constata: 1) a regularidade de determinadas marcas prosódicas na realização desses processos; 2) as características prosódicas do item *assim* em cada um deles; e 3) a relevância dessa caracterização prosódica para a determinação do funcionamento do item em relação às estratégias focalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: prosódia, gramática textual-interativa, texto falado.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é analisar, sob a perspectiva teórica textual-interativa, os processos: 1) de *repetição*, *paráfrase* e *correção*, denominados genericamente de processos de reformulação; 2) de desvio tópico, denominados de *parentetização*; e 3) de sinalização de construção do texto, especificamente, a *referenciação*, localizados em contexto do item *assim*, em correlação com os seus aspectos prosódicos, de acordo com Abercrombie (1967) e Cagliari (1981, 1989, 1992 e 2003).¹

Pretende-se, de modo mais genérico, constatar ou não a relevância da análise dos aspectos prosódicos em relação à melhor apreensão dos fenômenos textual-interativos eleitos aqui. De modo específico, objetiva-se estabelecer a realização prosódica do item *assim* no contexto desses processos, a fim de constatar possíveis regularidades, e um panorama das características prosódicas evidenciadas em cada processo.

* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutoranda pela mesma instituição.
E-mail: luciaregiane@bol.com.br

Para tanto, no item 1 expõem-se, resumidamente, os principais aspectos teóricos relativos à perspectiva textual-interativa, com ênfase naqueles voltados para os processos de constituição e organização do texto, partindo de trabalhos diversos dessa área (JUBRAN, 2006 e 2004; MARCUSCHI, 2006; FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006; HILGERT, 2006; BORILLO, 1985, entre outros). Ainda nesse item, expõem-se os aspectos prosódicos que serão focalizados neste trabalho, a saber: a intensidade, o tempo, a continuidade, o ritmo, a tessitura e a flutuação tonal, sob a orientação teórica de Abercrombie (1967). Procede-se, também, a uma apresentação dos aspectos prosódicos mencionados por Cagliari (1981, 1989, 1992 e 2003), comparando-os com a orientação de Abercrombie.

No item 2, apresentam-se o material e a metodologia de análise. O item 3 divide-se em dois momentos: 1) descrição e análise dos aspectos prosódicos envolvidos nos processos textuais em correlação a *assim*; e 2) discussão, baseada na organização dos aspectos mais relevantes observados empiricamente. Por fim, no item 4, apresentam-se as conclusões relativas aos objetivos propostos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A perspectiva textual-interativa: os processos de constituição e organização do texto

A adoção da perspectiva textual-interativa exige a explicitação da concepção de linguagem adotada, da natureza de seu objeto e de sua unidade de análise. Nessa direção, segundo Jubran (2006), a linguagem é vista como “forma de ação e de interação social” que, cognitivamente, revela-se na competência comunicativa e linguística² dos falantes.

Como objeto de estudo, o texto é considerado um processo dinâmico, exposto a pressões interacionais verificáveis na sua materialidade (JUBRAN, 2004), sob uma base teórica assentada em princípios da pragmática, da linguística textual e da análise da conversação.

Nesse domínio teórico, adota-se a categoria *tópico discursivo* (TDis) como unidade analítica que se define pela observação de suas propriedades de *centração* e *organicidade* (ver JUBRAN, 2006, p. 89) e que viabiliza a investigação das estratégias e dos mecanismos textuais e

interacionais. O objeto de estudo texto torna-se campo de regularidades que caracterizam as formas de processamento das estratégias, dos mecanismos de sua estruturação e das suas funções pragmático-textuais, cuja análise resulta na conjugação de funções textual-interativas, com base no *princípio de gradiência* (JUBRAN, 2007). Segundo esse princípio, não há funções excludentes ou dicotômicas: toda função textual deve ter, em contrapartida, algum traço interacional, sendo o inverso também verdadeiro.

Os processos de *repetição*, *correção*, *paráfrase*, *parentetização* e *referenciação* que atuam na constituição do TDis e na organização intratópica – promovendo a centração tópica e, conseqüentemente, a coesão e a coerência dos segmentos tópicos (ST) – serão objeto de estudo em correlação a *assim*, conforme introdução deste artigo. Dessa forma, é importante explicitar o modo como cada um desses processos é denominado no campo teórico da gramática textual de orientação interacional.

As estratégias de *repetição*, *correção* e *parafraseamento* são chamadas de *processos de reformulação*, uma vez que se referem a algo já dito, firmado com estatuto de matriz (M). A M pode ser: a) reiterada, no caso da *repetição* (MARCUSCHI, 2006); b) anulada por uma nova formulação, no caso da *correção* (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006); e c) reelaborada, em termos de conteúdo, no caso do *parafraseamento* (HILGERT, 2006).

Seja qual for a sua natureza, a *repetição* contribui com a coerência/coesão tópica, dando maior continuidade aos TDis e auxiliando nas atividades interativas, e, dessa forma, conferindo maior inteligibilidade ao texto (MARCUSCHI, 2006). Por sua vez, as *correções* projetam, na superfície textual, uma atividade discursiva regulada por motivos interacionais, uma vez que incidem, pontualmente, sobre um item lexical/gramatical ou sobre uma construção sintática, considerados inadequados para o falante em relação ao ouvinte, ou vice-versa, e, por isso, substituídos, na sequência textual, por outro item/construção mais pertinente à intercompreensão (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2006). O processo da *paráfrase* especifica-se na instauração de uma relação de equivalência semântica entre os enunciados da paráfrase (P) e da M, promovendo deslocamentos semânticos de especificação ou generalização entre o segmento reformulado e o reformulador,

apresentando expansões, condensações ou paralelismos formais (HILGERT, 2006), com o intuito de atuar no constructo da unidade tópica e na facilitação da compreensão dos aspectos tópicos destacados.

Como evidente recurso de entrada de fatores pragmáticos no texto, a *parentetização*, assim denominada no âmbito dos *processos de desvio tópico*, caracteriza-se principalmente pela propriedade de inserção, no ST, de informações paralelas que promovem um desvio do tópico em que se encaixam. Nesse desvio parentético, são projetados, no texto, dados relacionados ao processo de enunciação (JUBRAN, 2006).

Por fim, evidenciando um *processo sinalizador da construção do texto*, está a *referenciação*. É importante ressaltar que, nessa perspectiva interacionista de linguagem, a referenciação, especificamente a metadiscursiva, representa um deslocamento teórico de modelos que a concebem como uma espécie de correspondência entre palavras e objetos do mundo dentro de um quadro discursivo. Dessa forma, a referência passa a ser entendida como objeto de discurso, resultado de um processo dinâmico e intersubjetivo estabelecido no domínio das relações interacionais, posto que os referentes são introduzidos e (re) categorizados no âmbito textual à medida que o discurso é desenvolvido e de acordo com os projetos *de dizer* de seus interlocutores (JUBRAN, 2006). Assim, os processos referenciais que apresentam estatuto metadiscursivo promovem uma reflexividade discursiva, constituindo o discurso como sua própria referência (BORILLO, 1985). Na perspectiva textual-interativa, segundo Jubran (2006), a principal peculiaridade dessa modalidade de referenciação é a de estampar a gestão do processo verbal-interativo na materialidade linguística do texto, evidenciando a introdução da atividade enunciativa no próprio texto.

Todos os processos acima detalhados ocorrem, em nível sintático-semântico-pragmático, em correlação com marcas de natureza prosódica. Por essa razão, passamos à apresentação dessas características.

1.2 Elementos prosódicos

A prosódia pode ser estudada do ponto de vista fonético e fonológico, a partir da sílaba, considerada sua menor unidade, respon-

sável pela organização dos segmentos (ABERCROMBIE, 1967). Segundo Cagliari (1992), os elementos *suprasegmentais*, distintos daqueles que correspondem aos sons definidos foneticamente, podem ser de dois tipos: 1) *suprasegmentais* propriamente ditos: elementos que atuam na modificação dos segmentos, como a labialização, a palatalização, a nasalização etc.; e 2) *suprasegmentais prosódicos*: elementos que diferem dos segmentos em natureza fonética e em extensão. Este trabalho aborda especificamente o segundo tipo, o dos elementos *suprasegmentais prosódicos* – que, aqui, serão referidos apenas como *prosódicos* –, que podem ter funções relacionadas ao significado a que estão servindo, podendo ser esse significado: 1) interpretativo/semântico, ligado a tudo que se refere à atitude do falante; e 2) estrutural/sintático, que se relaciona com as estruturas sintáticas dos enunciados definidos pelos grupos tonais (GT) (CAGLIARI, 1992).³

Os elementos *prosódicos* que receberão destaque aqui são classificados por Abercrombie (1967) como características da *dinâmica da fala*, uma vez que, por estarem sob o controle do falante, podem ser adquiridos e, consequentemente, caracterizar não só indivíduos como grupos sociais, além de poderem, em muitos casos, desempenhar funções linguísticas. Esses elementos são intensidade, tempo, continuidade, ritmo, tessitura e flutuação tonal.⁴

A seguir, todos os elementos prosódicos, inclusive os três primeiros – intensidade, tempo e continuidade – considerados, segundo Abercrombie (1967), de menor importância, serão brevemente descritos, uma vez que se acredita no envolvimento deles na realização dos processos constitutivos e organizacionais do texto; e se reconhece a coocorrência desses elementos prosódicos no que diz respeito à sua ligação à estrutura do discurso e aos sentidos gerados nele.

Segundo Abercrombie (1967), a *intensidade* depende da pressão de saída do ar dos pulmões. Dessa forma, quanto maior a força expiratória, maior será a intensidade. Trata-se de uma marca prosódica facilmente *controlável*, dado que os falantes podem adequá-la automaticamente para melhor se adaptarem às condições que envolvem a situação comunicativa, a não ser que se encontrem sob a influência de algum fator de interferência.⁵ Cagliari (1981) define essa característica como “a variação de intensidade acústica que faz com que um tom seja mais forte ou mais fraco” (ibid., p. 118) e a associa aos elementos

duração e variação da altura melódica, que marcam a saliência das sílabas tônicas. Além disso, o autor também a compara a uma espécie de *reforço* para o valor de outros elementos prosódicos (CAGLIARI, 1989 e 1992).

A característica prosódica *tempo*, no âmbito da produção, equivale à *velocidade de fala* no domínio perceptual, ou seja, a sensação da taxa de elocução equivale à velocidade de fala, melhor medida pela taxa de sucessão silábica (ABERCROMBIE, 1967).⁶ Cagliari (1992) enfatiza que esse elemento tem sido comumente confundido com *ritmo*. O autor também menciona algumas mudanças de velocidade ocasionadas por efeitos físicos da produção da fala: no início, ocorre uma aceleração até se atingir a velocidade considerada normal para o indivíduo; já no final do enunciado, observa-se uma típica desaceleração. Ele sugere ainda uma associação discursiva possível entre a aceleração e a desaceleração com ênfase em algo que se diz.

Por sua vez, Abercrombie (1967) apresenta o elemento prosódico *continuidade* (também denominado *fluência*) como a incidência de *pausas* na cadeia da fala, sempre considerando o lugar e com que frequência e duração essas pausas ocorrem. Assim, a *continuidade* associa-se intimamente ao *tempo*.⁷ Cagliari (1992) denomina essa característica prosódica de *pausa*, e sua função é permitir a respiração do falante durante a fala, em momentos oportunos, localizados, na maior parte, entre GT e no final dos tradicionais períodos. Além dessa função aerodinâmica, a pausa desempenha também a função de *segmentação da fala*, o que possibilita sua ocorrência também depois de frases, sintagmas, termos e até depois de sílabas, caracterizando a *silabação*. Nesse âmbito, pode indicar deslocamentos sintáticos e mudanças semânticas bruscas. Quando aparece fora dessas condições, segundo Cagliari (1992), indica hesitação e revela um processo de constructo discursivo, que pode ou não representar uma atitude do falante.

Segundo Abercrombie (1967), o *ritmo*, na fala, como em outras atividades, resulta da recorrência periódica de algum tipo de movimento, que produz a expectativa de continuidade dessa regularidade de sucessão.⁸ Esses movimentos relacionam-se à *sílaba* e ao *acento*, produzidos durante a saída de ar dos pulmões. Essa característica prosódica pode ser sentida pelo falante, pois está diretamente relacionada com os seus movimentos. Em relação ao ouvinte, por conveniência,

segundo o autor, fala-se em *ritmo auditivo*, mas, na verdade, o ouvinte *sente* empaticamente essa sucessão rítmica nos movimentos do falante, por meio dos sons, que atuam como “pistas”. Para a apreensão imediata e intuitiva do ritmo de fala, intimamente associada ao que o autor chama de “empatia fonética”, falante e ouvinte devem ter a mesma língua materna. Cagliari (1981) vincula a noção de ritmo mais diretamente à fala, afirmando uma ligação intrínseca entre esse e a ideia de tempo⁹ e duração, sem desvinculá-lo, ainda, do acento.

Por sua vez, segundo Abercrombie (1967), o termo *tessitura*, emprestado da música, está conceitualmente relacionado à *voz*, tecnicamente definida como o resultado da fonação, como tom musical que apresenta uma frequência fundamental e, conseqüentemente, um contorno entoacional reconhecível. Durante a fala, esse contorno apresenta-se em constante flutuação, mas sempre em torno de um *ponto central* ou *região de conforto*. Entretanto, chamamos *tessitura* o alcance característico de notas que um falante pode apresentar além daquele usado em situações normais de fala.¹⁰ Nessa perspectiva, a *tessitura* é uma característica que varia de pessoa para pessoa, dado que se associa à força, ao tamanho e às condições das cordas vocais de cada indivíduo.

Para esse autor, a *flutuação tonal* (ou *contorno entoacional*) constitui a característica prosódica que apresenta relação mais direta com questões linguísticas. Consiste na variação de frequência em torno do ponto central, como já mencionado, que pode ocorrer o tempo todo na fala.¹¹ Sua importância, como característica da dinâmica da fala, pode ser resultado de seu papel na condução de *índices afetivos* que, juntamente com as mudanças de *registro*, constroem o “tom de voz”, do qual muito depende o fluxo da conversação.¹²

O português é uma língua *entoacional* e não *tonal*. Essa distinção estabelece-se com base na natureza do constituinte sobre o qual pode incidir a variação de frequência, a saber: constituintes sintáticos e palavras. A maior parte das línguas ocidentais, como o português, inclui-se no primeiro caso. Nas línguas tonais, conforme a mudança da melodia de fala, ocorre mudança de sentido da palavra; nas entoacionais, ocorrem alterações de significado da sentença como um todo, englobando as que dizem respeito a considerações pragmáticas.¹³

Essa característica é importante porque, da mesma forma como pode veicular significados emocionais, pode transmitir também

modelos de comportamentos linguísticos que operam simultaneamente na interação. De acordo com Abercrombie (1967), a *flutuação tonal* tem necessariamente funções afetivas que acompanham as linguísticas, podendo determinar o tipo de sentença, as relações de dependência/independência, o ponto principal da informação veiculada etc. Ou seja, ela apresenta importância *sintática* – visto que marca relações entre termos – e *pragmática*, uma vez que pode dar relevo a algo considerado importante pelo falante, no contexto específico de ocorrência.

Os padrões entoacionais caracterizam as unidades que Cagliari (1981) chama de GT. Segundo ele, é difícil generalizar os significados desses padrões, mas, como Abercrombie, indica as suas relações com

[...] as noções de modo (tipo de orações declarativas, interrogativas...), com a noção de modalidade (asserção de possibilidade, probabilidade, validade, relevância... do que se está dizendo), com os atos de fala (ordem, pedido, sugestão...) e com as atitudes do falante, seu comportamento protocolar linguístico, como: polidez, indiferença, surpresa etc. (CAGLIARI, 1981, p. 166)

Os contornos entoacionais são organizados, pelo autor, segundo suas funções, em classificação primária, na qual determinadas características melódicas promovem distinções sintáticas de frases; e classificação secundária, na qual à função sintática se juntam significados semânticos, relacionados com as atitudes do falante (CAGLIARI, 1992).

2 MATERIAL E METODOLOGIA

Selecionamos para este trabalho um *corpus* constituído a partir do banco de dados IBORUNA, organizado com amostras de fala da região noroeste do estado de São Paulo. Trata-se de um total de nove ocorrências, distribuídas em quatro tipos de textos falados: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato descritivo (DE) e relato de opinião (RO). Nesse *corpus*, estão incluídas as perguntas feitas pelos documentadores da amostra, uma vez que revelam pontos interessantes em relação à análise prosódica e à análise

discursiva, e, conseqüentemente, também à correlação entre as duas perspectivas.

Cada processo textual-interativo será exemplificado por duas ocorrências, com exceção da referência, analisada por meio de um único ST. Essa seleção pautou-se na necessidade de ilustração de diferentes realizações discursivas dos processos focalizados no que diz respeito às suas características prosódicas.

Primeiramente, será feita uma breve análise do processo textual-interativo evidenciado em cada uma das ocorrências, seguida da análise prosódica. Para tal, utilizaremos os pressupostos de Cagliari (1981, 1989, 1992 e 2003) e de Abercrombie (1967), organizando os trechos em GT e de acordo com a marcação exposta no Quadro 1.

Quadro 1. Marcação das características prosódicas

Marcação	Característica prosódica	Exemplo
Duas barras	Limite dos grupos tonais	//pode ser//
Dois pontos	Alongamento da vogal precedente	//sua opinião sobre:://
Reticências	Pausa	//aí eu falei...//
Caixa alta	Variação de volume	//OLHA...//
	Flutuação tonal	//SA::be?//
	Tessitura	//apesar de ser um POU::CO UM POU:: bagunÇAdo//

A análise será auditiva e seguirá os pressupostos dos autores citados acima.¹⁴ Para garantir a qualidade do trabalho, Geovana Carina Neri Soncin e Carla Jeanny Fusca – mestrandas do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, na linha Oralidade e Letramento, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/São José do Rio Preto (Unesp), sob a orientação da professora Luciani Ester Tenani – foram “juízas” da análise prosódica, a fim de garantir a maior proximidade possível do que foi realizado pelos informantes e afastar desvios pessoais de interpretação.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

3.1 Aspectos prosódicos dos processos textual-interativos em contexto de *assim*

Iniciaremos a análise a partir das ocorrências dos *processos de reformulação*, mais especificamente, da *repetição*. Vejamos a ocorrência que segue, em (1):

(1)	//[quando] sempre quando tem naTAL:://	1
	//assim natal//	2
	//ela que pendura os pisca-PIS::ca... em TU::do...//	3
	//SA::be?//	4

[AC22DE158]

Observa-se a repetição hesitativa de um constituinte oracional, especificamente do item lexical *natal*, articulada por *assim*. Nesse contexto, verifica-se um aumento do volume no final do GT1, seguido de uma diminuição no GT2, no qual ocorre a repetição. O GT2 também é realizado com velocidade maior e com deslocamento de tessitura em comparação com os demais. Verifica-se ocorrência de pausa breve no GT3, depois do item lexical *pisca-pisca*. Ainda nesse GT, há pausa depois do item *tudo*, marcando o final desse GT e o início do seguinte. No entanto, entre o GT1 e o GT2 não houve ocorrência de pausa. Dessa forma, o recurso prosódico mais saliente para a determinação desses GT é, além da variação na velocidade e no volume já mencionada, a verificação de uma elevação tonal no final do GT1, mais especificamente no item *naTAL*, seguida também por um prolongamento de sua sílaba final. Essas marcas – entoação ascendente e prolongamento silábico – também se repetem em *pisca-PISca* e *Tudo*, no GT3, e em *SAbé?*, no GT4, no qual a entoação ascendente marca a interrogativa.

Observemos, agora, a segunda ocorrência de repetição.

(2)	Doc.:	//eu queria que:: você me desse sua opinião sobre alguma coisa//	1
		//assim:...//	2
		//sua opinião sobre:...//	3
	Ent.:	//sobre o seu curso POde?//	4
	Doc.:	//sobre o meu CURso?//	5
		//pode ser//	6

[AC056NR272]

Diferentemente do que observamos em (1), nessa ocorrência, *assim* marca uma repetição de construção suboracional, em que há a reprodução dos constituintes oracionais *sua opinião sobre::* marcada pela introdução, por parte do interlocutor (o entrevistado), da sua complementação, com a repetição da preposição *sobre*. Nesse âmbito, percebemos o papel relevante dessas repetições para a constituição da coesão/coerência tópica e, principalmente, para o auxílio na atividade interativa.

Em relação aos aspectos prosódicos, observamos que tanto a documentadora quanto o entrevistado usam um volume muito baixo. Por um lado, isso dificulta a análise; por outro, demonstra a adequação que um falante faz entre o volume de sua fala em consideração com o volume da fala de seu interlocutor. Considerando o volume baixo como padrão, apenas a palavra *opinião* e o sintagma *alguma coisa*, no GT1, são realizados com pequeno aumento de volume, o que indica a ênfase da documentadora sobre aquilo que ela deseja que o entrevistado fale. A velocidade lenta também é uma característica prosódica que permeia a realização do tópico, sendo alterada apenas em pontos estratégicos, como no GT2, no qual *assim* anuncia o GT que traz a repetição.

Observa-se, ainda, uma ocorrência de pausa breve, entre o GT2 e o GT3, logo após *assim*, diferentemente do que se observou em (1). Há também uma segunda pausa marcando o final da repetição no GT3. No entanto, observa-se que, embora nesse momento o entrevistado tome o turno, não se verifica corte brusco na fala da documentadora. Ou seja, a pausa realizada por ela com algum propósito discursivo, talvez a busca

por itens/construções capazes de esclarecer e/ou exemplificar “sobre o que ela desejava que o entrevistado falasse”, possibilitou essa tomada de turno, sem interrupções bruscas ou sobreposições, sendo mantido, inclusive, os mesmos ritmo, velocidade e volume anteriormente observados.

No GT4, embora não haja pausa marcando a ordem inversa da pergunta, é nítida a percepção de uma entoação ascendente, característica de interrogativas, em *POde?*, e em *CURso?*, no final do GT5. No entanto, essa última flutuação tonal é acompanhada de um aumento no volume, evidenciando a surpresa da documentadora em relação à colocação do entrevistado.

Observam-se também ocorrências de prolongamentos vocálicos, nos itens *que*, no GT1, e *assim*, no GT2, marcando a introdução do GT que apresenta a repetição. Apesar desse prolongamento, não observado em (1), percebe-se uma sutil aceleração e variação entoacional (redução do tom) na produção do item, características verificadas também naquela ocasião.

Passemos agora à observação das ocorrências de paráfrase:

(3)	//você se lembra assim de alguma coisa que a sua mãe contou pra você?...//	1
	//assIM:://	2
	//alguma hisTÓ::ria...//	3
	//ou que seu PA::i//	4

[AC006NR41]

Em (3), temos a M *alguma coisa* e a P *alguma história* e, ainda, a M *que a sua mãe contou pra você* e a P *ou que seu pai*, atuando na construção do tópico e na facilitação da compreensão de seus aspectos destacados. No primeiro caso, verifica-se a configuração formal de paralelismo, em relação à P simétrica *alguma histó::ria* e sua M *alguma coisa*, com clara função de explicitação. No segundo, a P *ou que seu pai* em relação à M *que a sua mãe contou pra você* configura-se no processo de condensação. No geral, *assim* sinaliza a inserção das porções tópicas que carregam esses conteúdos parafrásticos.

Considerando esse funcionamento, é nítido o aumento de volume em *hisTÓria* e *PAi*, nos GT3 e 4, respectivamente, funcionalmente apontando ênfase nos itens centrais dos enunciados parafrásticos em relação às M. No que tange à velocidade, verifica-se a aceleração dos GT1 e 2 e a desaceleração nos outros dois. Mais uma vez há uma relação dessa característica da dinâmica da fala com a estruturação da P: a M, realizada no GT1, embora inaugure o tema proposto para o tópico, é avaliada como insuficiente, o que exige maior explicitação, realizada nos GT3 e 4, que indicam as P com o intuito de facilitar o desenvolvimento do tópico por parte do entrevistado.

O GT configurado por *assim*, que sinaliza a inserção das P, é introduzido após pausa evidente, verificada também entre os GT3 e 4. Salienta-se que, após a realização do item, não há pausa, marcando o final desse GT e o início do seguinte, mas outros indícios prosódicos que coocorrem nessa marcação: prolongamento da vogal nasal de *assim* e realização marcada por entoação ascendente, percebida também no final dos GT, marcando frases interrogativas, sendo notada principalmente nos dois últimos GT, em que é acompanhada por variação entoacional e prolongamento em *hisTÓ::ria* e *PA::i*, corroborando a marcação prosódica que enfatiza os enunciados parafrásticos, mais especificamente os itens centrais nesses enunciados.

Passemos à ocorrência (4), que também exemplifica outro caso de reformulação:

(4)	//então...//	1
	//a minha casa é um lugar que eu...GOS::to//	2
	//eu... A::mo a minha casa...//	3
	//então...//	4
	//à NOIte//	5
	//assim::...//	6
	[/durante/ah...ah.../]	7
	//até lá pra meia NOI::te...//	8
	//meia noite e um pouquinho//	9

[AC126DE405]

Evidencia-se uma estrutura parafrástica na qual *à noite* é M da P expansiva *até lá pra meia noi::te meia noite e um pouquinho*. Também nesse caso, o item *assim* articula M e P, funcionando como sinalizador do processo de reformulação. No entanto, observa-se um aspecto distintivo nessa ocorrência em relação à (3): o truncamento depois de *assim* (trecho iniciado por *durante* seguido de hesitações *ah...ah...* e abandonado para a formulação da P).

Esse tópico é articulado internamente por *então*, seguido de pausa em suas duas ocorrências. No primeiro trecho, formado pelos três primeiros GT, há aumento de volume e prolongamento vocálico em *GOS::to* e *A::mo*, apontando realização enfática. Antes disso, há também breve pausa após o pronome *eu*, também sinalizando a inserção desses itens enfatizados. Esse trecho é realizado com velocidade lenta até o final do GT3, finalizado com nova pausa. O segundo grupo articulado por *então*, no qual se encontra a P, inicia-se com a mesma velocidade do anterior até o GT7, em que se encontra o truncamento, realizado com velocidade elevada. No início do GT8, a velocidade restabelece o padrão anterior lento.

Há elevação de volume em *NOIte*, no GT5, enfatizando a informação central na M, como anteriormente. Em seguida, o GT6 é marcado por prolongamento da vogal nasal de *assim* e pausa, também evidenciando, do mesmo modo que a alteração da velocidade, o início do truncamento, marcado no final por outra pausa. Assim, as marcas prosódicas evidenciadas nas ocorrências do item em estruturas parafrásticas são as mesmas, com exceção da pausa que segue a *assim* em (4), provocada pela necessidade de marcar a inserção do GT que traz o truncamento.

Além dessas características prosódicas, verifica-se ainda um comportamento diferente nos dois grupos em relação à entoação. Nos GT2 e 3, há entoação descendente. No GT6, *assim* recebe uma entoação ascendente, mantida também no GT8, separado do último por pausa, leve aceleração da velocidade de fala e entoação descendente. Também em (4), o item central da P, *NOI::te*, recebe um prolongamento vocálico no GT8.

Passamos à análise das ocorrências que ilustram casos de correção:

(5)	//NÃ::O ele não BA::te assim:: de baTER:://	1
	//ele proVO::ca//	2
	//às vezes ele disCU::te//	3
	//meu pai fica BRA::vo//	4

[AC006NE29]

Em (5) o verbo *bater* é empregado com imprecisão, marcada pela correção, nos GT2 e 3, sinalizada por *assim* e também pela reiteração da negação no GT1. A correção projeta na superfície material do texto uma atividade discursiva regulada por motivos interacionais, indicando a avaliação da inadequação de *bater* em relação ao que se deseja comunicar e sua substituição, na sequência textual, pela formulação considerada pertinente.

Diante disso, o GT1 inicia-se com *não* realizado com volume alto em relação ao padrão usado pela falante. Esse aumento de volume é verificado também em *BAt*e e *baTER*, ainda no GT1, e em *proVO*ca, *disCU*te e *BR*Avo, nos GT2, 3 e 4, respectivamente. Esse aumento de volume é acompanhado por sutil deslocamento de tessitura e entoação.

O item *assim*, que marca o início da correção no GT1, é realizado com deslocamento de tessitura em relação à empregada no restante do GT e em todo o tópico, deslocamento que, embora sutil, torna-se perceptível porque se localiza num contexto em que há elevações entoacionais, configurando, portanto, um contraste. Os mesmos itens marcados pelos deslocamentos de tessitura apresentam prolongamentos vocálicos mais intensos em *assim*, na vogal nasal, e em *discute*, tanto na vogal “u” como na vogal “e” (alçada). A partir do GT2, verifica-se variação de velocidade: iniciam-se mais velozmente e vão ficando lentos à medida que alcançam os itens, no final dos GT, enfatizados pelas características prosódicas apresentadas. Assim, em relação à correção, evidencia-se que os itens avaliados como mais pertinentes à substituição de *bater* recebem maior relevo prosódico; conseqüentemente, são enfatizados no enunciado.

Passemos à análise da segunda ocorrência de correção:

(6)	//meu quarto...//	1
	//apesar de ser um POU::CO UM POU:: bagunÇAdo//	2
	//é NEle que eu passo a maior [risos]//	3
	//é eu acho que todo quarto é//	4
	//então quem sabe um dia/É um DIA pra ARRUMAR:://	5
	//assim:: uma SEMANA né? pra ARRUMAR:://	6
	//e um DIA pra DESARRUMAR//	7

[AC056DE278]

A presença do marcador discursivo *né?* nesse contexto auxilia na identificação da função interativa que motiva a correção relacionada ao tempo gasto para a arrumação do quarto. Também nesse caso, *assim* articula a correção e seu escopo retrospectivo.

Prosodicamente, verifica-se aumento de volume no trecho *um pou::co um pou:: bagunçado*, no GT2. E se verifica aumento de volume acompanhado de elevação entoacional em: *NEle*, no GT3; em *É, DIA* e *ARRUMAR*, no GT5; em *SEMANA* e *ARRUMAR*, no GT6; e, por fim, em *DIA* e *DESARRUMAR*, no GT7. Comparando os itens/construções que apresentam aumento de volume, nota-se que os que se encontram nos GT6 e 7 são mais sutis.

Ainda se verifica, nos GT3 e 4, aceleração no tempo de fala. De fato, o trecho que começa a ser desenvolvido nesses GT é abandonado para que se instaure a correção motivada por alguma informação a qual, embora não apareça na gravação, é percebida no momento em que a falante “ri” (final do GT3), possivelmente refletindo alguma atitude da documentadora em relação ao seu comentário anterior: “*meu quarto [...] um pou::co um pou::co bagunçado*”. Em vista disso, a falante acelera o que começou a dizer, no GT3, mudando o conteúdo em direção a um desenvolvimento do comentário anterior, no GT4.

Percebe-se, também, recorrência de padrão rítmico quando há a repetição: (i) no GT2: *um pou::co um pou:: bagunçado* (significando “muito bagunçado”); e (ii) no GT5: *um dia/é um dia*, preparando o ambiente para a correção posterior. Interessante é o deslocamento de tessitura realizado nitidamente na repetição, em (i), caracterizado por

elevação de tessitura em dois graus (elevação em *um pouco* e elevação maior na sua repetição). No final desse GT, após essa elevação graduada de tessitura, acompanhada por aumento de volume, verifica-se o retorno da voz para o ponto central (voltando a se deslocar a tessitura na sílaba “ça” de *bagunÇAdo*).

Assim, articulando a correção, é realizado com rebaixamento de tessitura e com prolongamento da vogal nasal, observado também em *pou::co*, repetido no GT2, em *NE::le*, no GT3, e nos verbos finais dos GT5 e 6. Pode-se afirmar que, embora em contexto prosodicamente mais complexo, os itens que marcam a correção também são enfatizados, por meio da coocorrência de vários recursos prosódicos.

As ocorrências (7) e (8) ilustram casos de parênteses:

(7)	//pode rouBAR://	1
	//pode rouBAR:: o meu CARro né//	2
	//aí eu falei...//	3
	//assim...//	4
	//inclusive eu fui tentar abrir a porta pra sair pra deixar ele roubar...//	5
	//falei Ó tem seguro mesmo DEI::xa roubar né//	6

[AC077NE308]

Em (7), o parêntese *inclusive eu fui tentar abrir a porta pra sair pra deixar ele roubar* evidencia sutil mudança de foco do ST, em que o falante relata como ocorreu um assalto, introduzindo no texto conteúdo pragmático.

O tópico se inicia com volume alto na realização do GT1, do trecho *pode roubar*, no GT2, e da interjeição *ó*, no GT6. Há também um ritmo nos dois primeiros GT diferenciado do que marca o restante do tópico, construído pela recorrência do acento em intervalos isócronos em *pode rouBAR*, *pode rouBAR o meu CARro né*. Nesse trecho, ocorre também mudança de tessitura, com elevação de frequência, sugerindo que o falante está imitando a forma como proferiu aquele pedido no momento do assalto.¹⁵

No GT4, *assim* é realizado em tom baixo, sem prolongamento, com contorno entoacional ascendente, sendo o fim desse GT marcado por pausa. Em relação ao tempo de realização dos GT, o quinto, onde se localiza o parêntese, realiza-se com velocidade superior em comparação à manifestada no restante do tópico. Esse GT é isolado por pausas breves. Resta mencionar os prolongamentos verificados em *rouBAR::*, no GT1, em *rouBAR::*, no meio do GT2, e em *DEI::xá*, no último GT.

Ressalte-se que, nessa ocorrência, o GT parentético é marcado por pausa, entoação e velocidade, e também por *assim*, que, com contorno entoacional específico, sinaliza o início da inserção.

Observemos, na sequência, a ocorrência (8), também relacionada à parentetização:

(8)	//ele sentiu que tinha sentado em cima de uma carteira né...//	1
	//ele catou essa carteira assim://	2
	//ele não sabia de quem que era não sabia nada//	3
	//ele desceu do do do ônibus né//	4
	//com essa carteira em mãos//	5

[AC035NR198]

Evidencia-se a inserção de uma informação parentética que, embora represente um desvio da narração, acrescenta a ela um dado pragmático avaliado como importante naquele momento da interação. Tomado o ST como um todo, o GT3, no qual se localiza o parêntese, é marcado por volume baixo. Todo o tópico é realizado com velocidade média, com exceção desse GT, que é mais veloz. Tessitura baixa e entoação descendente também são percebidas no GT.

Logo depois de *né*, no final do GT1, há uma pausa, separando esse GT do seguinte. No final do GT2, *assim* apresenta contorno entoacional descendente e prolongamento da vogal nasal, unindo os GT2 e 3, ou mesmo diluindo uma separação mais “marcada” entre esses dois grupos. De fato, não se pode afirmar, como em (7), que *assim* marca, juntamente com outras características, o início do parêntese.

Resta apenas apontar a quebra da continuidade em *do do do*, no GT4, evidenciando um gaguejamento.

Por fim, apresentamos a ocorrência de referenciação em contexto de *assim*:

(9)	//OLHA...//	1
	//gravidez... NÉ?...//	2
	//assim:...//	3
	//éh:...//	4
	//gravidez é muito boNIto//	5
	//é um momento muito BONITO ser mãe//	6

[AC056RO289]

Em (9), mediante processo de tematização, segundo modelo de Koch (2006), constatado pela anteposição de *gravidez* e por sua repetição no enunciado, constrói-se o referente que será o tópico da interação, evidenciando-se uma atividade metadiscursiva de construção do referente, como objeto de discurso que reflete o projeto *de dizer* do falante.

O GT1 é iniciado com a realização do verbo em volume alto. Na sequência, os GT2, 3 e 4 são realizados com volume reduzido em relação ao primeiro. Pode-se observar velocidade de fala constante até os GT5 e 6, realizados mais rapidamente em comparação aos demais. Há pausas no final do GT1, depois da inserção do nome *gravidez*, no GT2, e também depois do marcador *né?*, no final desse GT, que apontam para o processamento cognitivo-discursivo desse nome como tema que assumirá o centro do tópico.

O marcador *né?* é prosodicamente realizado com entoação ascendente, evidenciando que, mesmo nesse caso, em que a pergunta é esvaziada semanticamente em prol de uma função voltada para a checagem da interatividade, a sua característica prosódica é preservada, como parte do marcador. Em relação a *assim*, apesar de sua realização estar localizada em contexto hesitativo, marcado pela ocorrência de outros itens que sinalizam o processo de construção do referente, em volume reduzido, é nítido um prolongamento vocálico, seguido por pausa breve. Esses traços são observados também na expressão hesitativa *éh* no GT4.

Em seguida, nos GT5 e 6, em que se localizam os ST que indicam o delineamento do tema, além da velocidade de fala acelerada, ocorre elevação de tessitura e entoação no final dos GT, especificamente, em *boNIt*o e no trecho *BONITO ser mãe*, mais evidente no primeiro termo.

Dessa forma, de modo geral, há dois planos de tessitura na realização do trecho. O primeiro, com tessitura baixa, estende-se do GT2 ao GT4 (com apenas uma exceção em *né?*); o segundo, com tessitura alta, alcança os GT5 e 6.

3.2 RESULTADOS IMPORTANTES

Em relação ao primeiro processo textual interativo de caráter reformulador, a *repetição*, observou-se que, embora em ambas as ocorrências houvesse a presença de *assim*, no início do ST que abarca o referido processo textual-interativo, sua realização prosódica não foi a mesma. Na primeira ocorrência, em que *assim* sinaliza simples repetição de item lexical, realizada no contexto da fala da própria entrevistada, o GT que carrega essa repetição incorpora o item, isto é, *assim* não é separado desse grupo nem por pausa, nem por outros recursos, de modo que todo o GT evidencia os mesmos recursos prosódicos (volume baixo, velocidade alta e tessitura baixa). Na segunda ocorrência, quando *assim* sinaliza repetição de construção suboracional, realizada em contexto de troca de turno – portanto, num grau de complexidade discursiva maior –, o item é realizado, prosodicamente, em GT diferente do da repetição. Dessa forma, evidencia-se que, embora ambas as ocorrências apresentem as mesmas características de aumento de velocidade, redução do volume e tessitura baixa, *assim*, anunciando a repetição, é separado, prosodicamente, no segundo caso, por pausa, sendo evidenciado também um prolongamento vocálico.

Nas ocorrências do processo de reformulação evidenciado por meio da *paráfrase*, em (3) e (4), observaram-se as mesmas características prosódicas – aumento de volume nos itens enfatizados na M e/ou na P e alteração da velocidade. Em relação a *assim*, que sinaliza a inserção, em ambos os casos, do GT que carrega a P, verifica-se o prolongamento da vogal nasal em (3) e (4). No entanto, o que distingue um caso do outro é a pausa que se segue ao item em (4), provocada pela necessidade de

marcar a inserção de um GT que traz um truncamento, não verificado na ocorrência anterior.

Em (5) e (6), ilustrativos de reformulação evidenciada pela *correção*, embora diferentes no que tange à complexidade contextual do processo, apresenta-se grande coerência na combinação dos aspectos prosódicos e discursivos. Nos dois casos, verificaram-se as mesmas marcas prosódicas – aumento de volume, deslocamento de tessitura e entoação –, apontando/enfatizando os itens destacados no processo de correção: os que são avaliados como “incorretos” e os que são avaliados como “mais pertinentes” pelo falante no contexto particular de interação. Nesse contexto, *assim*, anunciando a instauração do processo, é, em ambas as ocorrências, realizado com tom mais baixo e com prolongamento vocálico.

A partir das ocorrências (7) e (8), ilustrativas do processo de *parentetização*, evidenciou-se que, em ambas, o GT que carrega esse desvio se realiza com as mesmas marcas prosódicas: rebaixamento entoacional, podendo ser acompanhado de rebaixamento de tessitura, aumento de velocidade, redução de volume e pausas. Em relação a *assim* em (7), o item, sinaliza o GT parentético, realizado com contorno entoacional ascendente, sem prolongamento vocálico e seguido por pausa. Já em (8), a análise mostrou que o item não inicia e nem sinaliza o GT que carrega o parêntese, mas se localiza no final do anterior, apresentando prolongamento vocálico.

A análise prosódica e entoacional (TENANI, 2002; FROTA, 1998; e FERNANDES, 2007) pode apontar objetivamente a incidência fônica de *assim* em contextos sintáticos específicos, como esse, em que o item pode ou não se relacionar à sinalização de enunciado parentético. De acordo com Lopes-Damasio (2009), quando o item se associa à oração anterior, integra-se prosodicamente a essa oração, constituindo com ela uma frase entoacional (I) e apresentando contorno entoacional descendente, como seria o caso da ocorrência (8); diferentemente, quando se associa à porção textual à direita, constitui sozinho um I, apresentando contorno entoacional ascendente cujo fim coincide com uma pausa acústica ou simplesmente com a percepção de um novo I, que lhe é posterior. Essa interpretação está exemplificada abaixo (exemplos extraídos de Lopes-Damasio, 2009), sendo que a) representa um caso semelhante a (7) e b) representa um caso semelhante a (8):

No item 3.2, expusemos que, a partir dos resultados desta análise, tornou-se mais clara, foneticamente, a natureza dos recursos prosódicos que marcam os processos de *repetição*, *paráfrase*, *correção*, *parêntese* e de *referenciação* em contexto de *assim*, sendo sinalizados ou apenas constituídos por ele (como no caso da *referenciação*).

De forma específica, percorreu-se um caminho analítico que mostrou o modo como os processos textual-interativos são perscrutados pelas marcações prosódicas. O alcance desse objetivo mostrou que as características prosódicas apontam para uma grande regularidade em relação a cada processo, sendo que os contextos de maior complexidade, em relação aos aspectos discursivos, refletem essa característica também prosodicamente.

Demonstrou-se também: a) como uma análise dos aspectos prosódicos pode colaborar para resultados mais consistentes, ajudando, inclusive, a desfazer ambiguidades da análise sintático-discursiva;¹⁶ e b) como essa análise ajuda a identificar os diferentes processos textual-interativos, visto que as características prosódicas obedecem a uma regularização.

PROSODIC ANALYSES OF TEXTUAL CONSTRUCTIVE PROCESSES REGARDING THE ITEM *ASSIM*

ABSTRACT

This paper analyses the prosodic aspects of textual-interactive strategies related to the reformulation, organization and building of the speech regarding the item *assim*. Results suggest: (i) the regularity of some particular prosodic marks when performing these processes; (ii) the prosodic features of the item *assim* in each one of them and (iii) the relevance of the prosodic features for determining the function of the item concerning the strategies we are focused on.

KEY WORDS: prosody, textual-interactive grammar, spoken text.

NOTAS

- 1 Com base nesses autores, o enfoque das características prosódicas será fonético.
- 2 A *competência comunicativa* corresponde à capacidade do falante de manter a interação por meio da linguagem; a *competência linguística* diz respeito

- à sua capacidade de conhecer um sistema de regras interiorizadas que lhe permite produzir, interpretar e reconhecer as orações para o estabelecimento de uma interlocução verbal com estatuto textual.
- 3 Segundo Cagliari (1981), os grupos tonais, além de serem unidades de ritmo, constituem uma unidade de informação que o locutor quer transmitir e podem ser divididos em componente pretônico e componente tônico. Essa divisão é feita mediante a localização da sílaba tônica saliente, caracterizada por carregar a marca entoacional mais importante do GT, ou seja, é nela em que ocorre a maior mudança do nível melódico. A divisão de um texto em GT está relacionada à organização de unidades de informação e à estrutura argumentativa de pressuposição na organização do discurso. Na sequência deste trabalho, definir-se-á melhor esse conceito em correlação com a característica prosódica *entoação*.
 - 4 Não abordaremos o *registro* por não representar papel importante na análise aqui pretendida.
 - 5 A intensidade tem um valor *sociolinguístico*, uma vez que o seu grau normal de emprego pode caracterizar a fala habitual de indivíduos que possuem idiomas diferentes. Os egípcios e árabes, por exemplo, teriam, de acordo com Abercrombie (1967), uma fala mais intensa quando comparada à dos escoceses. Além disso, esse elemento prosódico revela pouca importância no que tange à distintividade, ou seja, não apresenta, de modo geral, grande *valor distintivo*. Porém, por outra parte, apresenta *valor discursivo*, que está associado às questões de adequação pragmática da linguagem a determinadas situações de seu emprego, por exemplo, marcando a fala em velórios, igrejas, bares etc.
 - 6 Como a intensidade, essa é uma característica que pode variar de acordo com o indivíduo falante: algumas pessoas realizam maior variação de tempo que outras, mas, de modo geral, há uma norma que caracteriza o estilo conversacional usual de um indivíduo no que diz respeito a esse elemento prosódico.
 - 7 A relação entre as pausas, os grupos de segmentos e os seus lugares de ocorrência na fala revela um *valor linguístico* ou, pelo menos, *pragmático-discursivo*, podendo variar a depender do indivíduo e das suas atitudes.
 - 8 As hesitações – pausas, gaguejamentos etc. – tendem a disfarçar esse ritmo, que seria, portanto, mais perceptível nos momentos em que o falante se aproxima de uma maior *continuidade/fluência*.
 - 9 A noção de *tempo*, relacionada à realização de uma fala vagarosa ou rápida, não deve, porém, ser confundida com a noção de *ritmo*, pois um mesmo padrão rítmico pode ocorrer com *velocidades de fala* diferentes.

- 10 É importante não confundir o deslocamento de *tessitura*, relativo ao deslocamento de frequência que ultrapassa aquele usado em situações normais de uso da língua, mas ainda assim dentro do alcance máximo possível de cada indivíduo, com o deslocamento de *entoação*, relativo ao deslocamento de frequência em torno do *ponto central*, caracterizado como *normal* na fala de cada indivíduo.
- 11 Obedecendo a padrões melódicos definidos na comunidade de fala e, portanto, de importância linguística e social.
- 12 Dessa forma, a flutuação tonal aproxima-se das características do gesto, por isso pode ser chamada de *gesto vocal*.
- 13 Em termos de produção, o processo é sempre o mesmo: deslocamento de frequência.
- 14 A gravação dos inqueritos possui muitos ruídos, o que impossibilitou a realização da análise acústica do material.
- 15 Não há mudança de registro.
- 16 Como foi comprovado com base na observação das características prosódicas de *assim* relacionadas a parêntese, em alguns contextos sintáticos específicos, apenas a análise prosódica (nesse caso somada à entoacional) pode evidenciar, objetivamente, a incidência fônica do item *assim* e, conseqüentemente, garantir o apontamento de suas funções, caracterizando ou não seu papel de sinalizar o segmento parentético.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1967.
- BORILLO, A. Discours ou métadiscours? *DRLAV*, n. 32, p. 47-61, 1985.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora Unicamp, 1993. V. 2: Níveis de análise linguística.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos suprasegmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, 1992.
- CAGLIARI, L. C. *Prosódia: ontem e hoje*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Capinas, 1989. (Mimeo.).
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livredocência em Estudos Linguísticos) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

- CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2003. V. 1.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. V. 1: Construção do texto falado.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- FROTA, S. *Prosody and Focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.
- HILGERT, J. G. Paraphraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. V. 1: Construção do texto falado.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. V. 1: Construção do texto falado.
- JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. 2004. (Mimeo.).
- JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2007. p. 313-327.
- KOCH, I. G. V. Tematização e rematização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Oda Unicamp, 2006. V. 1: Construção do texto falado.
- LOPES-DAMASIO, L. R. “Assim ou assado?”: análise a partir da fonologia prosódica e entoacional. *Revista Prolingua*, v. 2, n. 2, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. V. 1: Construção do texto falado.
- MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp–Fapesp, 1999. v. 2.
- TENANI, L. E. *Análise acústica da fala*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho–Ibilce, 2004. (Mimeo.).

MARCUSCHI, L. A. *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da Gramática do Português Falado*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.